

Virginia Irene Rubio Scola

Estudo comparado das gramáticas de maior circulação no Brasil e na Argentina

virginrubio@gmail.com

Facultad de Humanidades y Artes – UNR

RESUMEN

A proposta do trabalho foi comparar de que forma são descritas a língua portuguesa e a língua espanhola no Brasil e na Argentina, respectivamente. Para tanto, analisamos as gramáticas de maior circulação no âmbito acadêmico brasileiro e argentino. O corpus foi selecionado nos programas de estudo dos cursos de Letras das faculdades mais reconhecidas da Argentina e do Brasil. Foram analisadas três gramáticas argentinas e três gramáticas brasileiras. Nosso intuito foi identificar as correntes linguísticas que fundamentam estas gramáticas. O estudo mostra, aproximativamente em um corpus reduzido, quais as teorias linguísticas empregadas na hora de sistematizar, descrever, normatizar e pensar a língua portuguesa e espanhola no Brasil e na Argentina, respectivamente. Entendemos as gramáticas como documento sócio-histórico, como gênero tal como entendido na corrente do interacionismo sócio-discursivo. As gramáticas foram contextualizadas e interpretadas à luz da Análise do Discurso centrando-nos na heterogeneidade própria dos textos: a intertextualidade e o interdiscurso. Constatamos que as gramáticas foram concebidas de formas bem variadas na Argentina e no Brasil, já que respondem a diferentes problemáticas linguísticas. Para estes diferentes escopos foram mobilizados diferentes baseamentos teóricos. No caso do Brasil, se delineiam: o estruturalismo pós-saussureano em duas gramáticas e o formalismo gerativista em outra. Nas gramáticas argentinas predominou o formalismo: um formalismo mais gerativista em duas gramáticas e um formalismo funcionalista em outra.

Estudo comparado das gramáticas de maior circulação no Brasil e na Argentina.¹⁵

Introdução

As diferentes gramáticas de uma língua mostram diversas formas de descrever, explicar ou normatizar uma língua. Nossa proposta consistiu na comparação de gramáticas da língua espanhola e gramáticas da língua portuguesa. Isto é, comparar as diferentes formas de pensar a língua em dois contextos: no Brasil e na Argentina. Foram escolhidas seis gramáticas segundo sua circulação em universidades brasileiras e argentinas. Seleccionamos estas gramáticas segundo o uso na atualidade. Para tanto procuramos as gramáticas mencionadas na bibliografia dos programas de ensino de disciplinas nos cursos de Letras e Linguísticas. Desta forma podemos, aproximativamente, identificar algumas das gramáticas de maior circulação no âmbito acadêmico brasileiro e argentino.

O trabalho de conclusão de curso consistiu em identificar as correntes linguísticas que fundamentam estas gramáticas. O estudo mostrou aproximadamente quais as teorias linguísticas empregadas na hora de sistematizar, descrever, normatizar e pensar a língua portuguesa e espanhola no Brasil e na Argentina, respectivamente. Foram escolhidas três gramáticas da língua espanhola¹⁶ e três da língua portuguesa¹⁷. Estas obras foram analisadas como documentos sócio-históricos, pertencentes a um gênero tal como entendido na corrente do interacionismo sócio-discursivo, ISD (Bronckart, 2003). Reunimos a todas sob o nome “obras de gramática” ou “gramáticas”, já que todas expõem hipóteses sobre o funcionamento da língua. Estas hipóteses se centram em posicionamentos teóricos diferentes, em base a objetivos específicos diversos e, portanto, pontos de vista diferentes na hora de conceituar a variedade de língua a descrever.

Estudamos as gramáticas dentro do que Aurox (1992) denominou processo de gramatização. Acreditamos que este conceito traz importantes dados para entender as gramáticas que circulam na atualidade e entender os processos históricos de gramatização

¹⁵ Pesquisa realizada no marco do Trabalho de Conclusão de Curso realizado sob a orientação da Dra Florencia Miranda.

¹⁶ BOSQUE & DEMONTE, (1999) Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa. DI TULLIO, Ángela ([1999] 2010) Manual de gramática del español. Buenos Aires: Waldhuter.

KOVACCI, Ofélia (1990, 1992) El Comentario gramatical, vol I, II. Madrid: Arco

¹⁷ PERINI, Mário (2000) Gramática descritiva do português. São Paulo, Ática. 2000.

CUNHA & CINTRA ([1984] 2007) A Nova Gramática do Português Contemporâneo, Rio de Janeiro: Lexicon.

BECHARA, Evanildo, ([1961] 2009) Moderna Gramática da língua portuguesa. São Paulo: Pontes.

na Argentina e no Brasil. Neste trabalho pretendemos enfatizar a noção de gramática como instrumento que permite descrever uma língua e, portanto, imprescindível para a criação de uma língua nacional, sobretudo no Brasil e na Argentina que adotam como língua nacional a dos que foram seus colonizadores, e através dela herda sua cultura. Procuramos entender através das gramáticas como foram se pensando e constituindo as línguas espanhola e portuguesa como línguas nacionais da Argentina e do Brasil junto com o processo de formação dos novos estados. Acreditamos na hipótese de que os diferentes processos históricos de constituição das gramáticas até hoje tem marcado diferenças na concepção da gramática na Argentina e no Brasil.

O processo de Gramatização

Para a análise partimos do conceito teórico de gramatização segundo Sylvain Auroux (1992: 65): “Por *gramatização* deve-se compreender o processo que conduz a descrever uma língua na base de duas tecnologias ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Este conceito nos ajuda a entender a sistematização e normatização das línguas na evolução das ciências da linguagem.

Auroux coloca três perguntas gerais sobre as ciências da linguagem: quando e em que circunstâncias nasceram estas disciplinas? qual é seu impacto sobre o desenvolvimento cultural humano? e quais são os grandes movimentos que geraram? Propõe duas teses para responder as questões. A primeira sobre a origem das ciências da linguagem concebida como consequência da escrita, e fator necessário para a reflexão metalinguística. A segunda tese, de grande interesse para nosso trabalho, sobre o processo de gramatização que se inicia no Renascimento e consiste em elaborar dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo com base na tradição greco-latina.

[...] Esse processo de gramatização mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento / dominação sobre as outras culturas do planeta. Trata-se de uma revolução tecnológica que não hesito em considerar tão importante para a história da humanidade quanto à revolução agrária do Neolítico ou à Revolução Industrial do século XIX. (Auroux, 1992: 8)

O autor identifica três grandes avanços tecnológicos que revolucionaram as formas de compreender as línguas: a primeira seria a scripturização - a escrita -, a segunda a gramatização, e a terceira (atualmente funcionando) seria a automatização.

O processo massivo de gramatização implica uma transferência cultural. Por exemplo, quando se sistematiza o guarani com bases nas gramáticas latinas. Auroux analisa esta transferência de duas formas considerando quem realiza a descrição/normatização da língua: processo de endo-gramatização - no caso de ser um nativo da língua -, e processo de exo-gramatização - no caso de ser não-nativo da língua a ser descrita.

Ademais, o autor trabalha com o conceito de hiperlíngua que desenvolve em “La réalité de l’hyperlangue” (1997). Esta seria a língua produzida em um espaço/tempo, por indivíduos dotados de ‘gramáticas’ não necessariamente idênticas, auxiliados por artefatos técnicos, isto é, instrumentos linguísticos, dentre os quais a gramática e o dicionário. (Auroux, 1997: 112). Para que dois indivíduos comuniquem, eles devem compartilhar uma mesma hiperlíngua, pertencer à mesma rede de comunicação. Interessam-nos especialmente os instrumentos linguísticos. Estes não elaboram somente descrições de línguas, mas mudam os espaços de comunicação. A gramatização produz instrumentos linguísticos que figuram na hiperlíngua, modificam a estrutura e permitem uma maior estabilidade linguística. A gramática apresenta hipóteses sobre a estrutura da hiperlíngua. Ela é a realidade última que abraça e situa toda realização linguística e limita as inovações.

As gramáticas na historiografia linguística argentina e brasileira.

No âmbito do projeto História das Idéias linguísticas¹⁸, liderado por Eni Orlandi realizam-se pesquisas sobre a história da produção de ideias linguísticas e instrumentos tecnológicos, como as gramáticas e os dicionários, e sobre o processo de constituição da língua nacional baseado nos conceitos de Sylvain Auroux. De grande interesse para nosso estudo é o trabalho sobre “Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil” de Eni Orlandi e Eduardo Guimarães (2001). Os autores tratam a influência da história das ideias linguísticas sobre a história da constituição da língua nacional. Eles demonstram a tese de que o processo de formação da língua nacional no Brasil traz novos

¹⁸ Programa de pesquisas em colaboração científica com a França, 1998, propõe aliar “a história da construção do saber metalinguístico com a história da constituição da língua nacional, visando trazer contribuições específicas ao modo de pensar e trabalhar a questão da língua nos países colonizados” (Orlandi, 2001: 7)

elementos para a compreensão da gramática e para a explicação da relação da língua com o Estado. Os autores afirmam:

A questão da língua nacional está ligada aqui ao processo de gramatização brasileira do português que é posto em curso a partir da segunda metade do século XIX. Desde então o Brasil tem seus próprios instrumentos linguísticos de gramatização, diferentes dos de Portugal. A gramatização brasileira aparece com um novo elemento constitutivo deste outro espaço de produção linguística. (Orlandi & Guimarães, 2001: 24)

Os linguistas trabalham com a noção de hiperlíngua para afirmar que o português do Brasil a partir de 1830 inclui matizes nacionais em virtude do processo brasileiro de gramatização. Isto se deve a que não se trata de ter conhecimento sobre qual é a língua que se fala, mas de construir um aparelho institucional para que o Brasil saiba que língua é a sua própria língua. Como diz Sylvain Auroux, o processo de gramatização faz parte de um novo espaço de produção linguística. A gramática do Brasil começa a se distanciar do modelo português de uma gramática mais filosófica e da tradição gramatical portuguesa em geral. Este processo está ligado ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Os autores colocam dois grandes fatos que fizeram com que a gramática do Brasil se distanciasse da de Portugal: a relação que o Brasil teve com ideias filosóficas e científicas de outros países diferentes de Portugal e a instituição escolar brasileira a partir da fundação do colégio Pedro II em 1837.

A elaboração de novas gramáticas da língua nacional do Brasil, como por exemplo, o “Compendio de Grammatica da língua Nacional” de Antonio Álvares Pereira Coruja em 1835, faz com que se questione a diferença entre o português do Brasil e o português europeu. A elaboração de novas gramáticas brasileiras e o fato de não se distanciarem totalmente da unidade linguística com Portugal são, segundo os autores, os dois pontos fortes da gramatização brasileira no final do século XIX.

Os autores introduzem um conceito referido à noção de autor que toma sentido para a gramatização brasileira: a função-autor-brasileiro da gramática, que distingue a gramatização brasileira da praticada em Portugal. “Ser autor de uma gramática é ter uma responsabilidade como homem de ciência e ter uma posição de autoridade em relação à singularidade do português” (Orlandi & Guimarães, 2001: 28).

Guimarães & Orlandi defendem que a partir da gramatização da língua nacional pode-se observar como a sociedade brasileira vai formando sua identidade linguística.

Ligando a questão da instrumentação da língua à de sua institucionalização, temos meios para compreender como a sociedade, constituindo um novo espaço político-social, se dá uma consciência histórica de sua língua, neste caso o português dos brasileiros (idem: 32).

Na Argentina, também existem trabalhos teóricos a partir da concepção de gramatização dentro do campo disciplinar da Glotopolítica, como os realizados no programa: “Entre el Centenario y el Bicentenario de la Revolución de Mayo: continuidades y discontinuidades de la producción lexicográfica monolingüe en la Argentina”. Destacamos o trabalho de Daniela Lauria, *Lengua y nación. El Diccionario Argentino de Tobías Garzón (1910)*, que tem como objetivo aprofundar o estudo discursivo e histórico das ideias sobre a linguagem na Argentina através dos dicionários e a partir da consideração da língua como um dos elementos essenciais na configuração simbólica da nação. Da mesma autora, “*La producción lexicográfica del español, del inglés y del portugués en América. Los primeros diccionarios monolingües generales: una aproximación glotopolítica*” compara os processos de gramatização por meio da criação dos dicionários monolingües em três países: México, Brasil e Estados Unidos. Os dois artigos apresentam uma análise próxima à linha de pesquisa do projeto de Orlandi, mas tratam do dicionário como instrumento linguístico.

O caso da gramatização na Argentina não se pode estudar separadamente da América Hispânica e suas relações com a península, deve-se entender no conjunto. Segundo Coseriu (1980: 289), no panorama da linguística Ibero-Americana entre os anos 1940 e 1965, é necessário ter em conta a íntima unidade entre a linguística hispano-americana e a espanhola. Era condição determinante da atividade dos vários centros ibero-americanos serem homogêneos, quanto à informação básica e orientação metodológica. Em geral, o que se publicava na Espanha tinha um grande prestígio na América hispânica.

Segundo Maria do Carmo Henríquez Salido (1997/1998), na história gramatical do mundo hispânico, no século XIX, predominava, como no Brasil, a gramática geral filosófica e ideológica. Salvá e Bello serão os que quebram com esta corrente para elaborar uma gramática descritiva e normativa com o objetivo de descrever a língua das autoridades idiomáticas. Devemos considerar Andrés Bello como o precursor da gramática na América

Hispânica. Ele defendia o critério descritivo da gramática, mas acentuava o fato de que o princípio dominante fosse o princípio de atividade idiomática presentes nos textos:

La teoría gramatical está elaborada en la “codiciable compañía de Bello”, de ahí que el criterio que presida la gramática sea el criterio descriptivo, y que el principio dominante sea el de las autoridades idiomáticas “ingeniosos”, “distinguidos”, “más ilustres”, “grandes”, “principales” escritores hispanoamericanos o españoles pues la obra de los escritores de todas las regiones es la que da el “mayor esplendor” al idioma (Salido, 1998: 94).

A autora faz um estudo sobre a concepção de “uso correto” da língua que aparece na *Gramática Castellana* de Alonso & Ureña. Alonso leva na prática o princípio metodológico da descrição do espanhol tanto da Espanha como da América.

[...] el español de América no puede estudiarse como tal, sino dentro del cuadro general de la dialectología española y en comparación con todo el español de España – antiguo y moderno, literario y corriente, común y dialectal, general y regional. (Alonso apud Salido 1998: 94)

A obra de Alonso & Ureña parte das concepções da gramática de Bello e o seu escopo consiste em proporcionar regras para a língua, que deve ser usada de modo correto e exemplar. Buscava-se impedir a divisão idiomática e conservar a unidade da língua nascida em Castilha. É preciso renunciar a suas particularidades em favor de uma ideia geral, considerando o espanhol como um idioma que se renova por todos os homens cultos de diferentes nações. Desta forma, pode-se entender uma profunda vontade de unidade da língua entre a península e a América Hispânica, devendo se atualizar constantemente sem a necessidade de uma estar ao serviço da outra.

Na gramatização brasileira e hispano-americana é importante mencionar dois centros com tendência à homogeneização das descrições da língua. No Brasil, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que foi instaurada por um decreto do Ministério da Educação e da Cultura em 1959. Este tornou obrigatória (oficial) para o ensino no Brasil uma nomenclatura fixa dos fatos gramaticais. Orlandi & Guimarães comentam a respeito:

Esta Nomenclatura decretada pelo Estado anula os efeitos de uma posição original de autores assumida pelos gramáticos. Estes não falam mais dos fatos da linguagem, eles repetem uma nomenclatura que lhes foi oficialmente imposta (2001: 28).

Do lado hispânico também existe um organismo que mantém de certa forma a homogeneidade da língua, trata-se da Real Academia Española (RAE). Esta foi fundada na

Espanha em 1713, aprovada e reconhecida pelo, nesse momento, rei da Espanha, Felipe V. Nesse então seu propósito era “fijar las voces y vocablos de la lengua castellana en su mayor propiedad, elegância y pureza”, cujo emblema era “limpia, fija y da esplendor”. O escopo era combater tudo o que alterasse a elegância e pureza da língua e fixar o ideal de língua no estado de plenitude no século XVI. Isto mostra a trajetória tradicional e conservadora desta instituição; contudo a RAE teve que se adaptar às exigências das mudanças idiomáticas:

Actualmente, y según lo establecido por el artículo primero de sus *Estatutos*, la Academia «tiene como misión principal velar porque los cambios que experimente la Lengua Española en su constante adaptación a las necesidades de sus hablantes no quiebren la esencial unidad que mantiene en todo el ámbito hispánico». (site oficial da RAE)

Considerações finais

Entendemos a constituição das gramáticas de uma língua nacional dentro das formas de narrar a história de uma cultura, já que estas são resultados de decisões políticas imprescindíveis na formação de uma nação. Para identificar esta língua é preciso produzir sua sistematização, descrição, uma análise que lhe possa garantir uma configuração singular. Desta forma, não há política linguística sem gramática e a forma da gramática define a forma das políticas linguísticas.

Isto se observou na nossa pesquisa de conclusão de curso. Na comparação das gramáticas em uso na atualidade se viu refletido o fato de que não somente as gramáticas analisadas se baseiam em pontos de vista diferentes no tocante a posicionamentos teóricos, mas também existem diferenças nos interesses, nas preocupações manifestadas em cada obra da língua portuguesa e espanhola. Acreditamos que esta diferença deve-se aos diversos contextos sociais, culturais e uma tradição linguística outra, políticas linguísticas distintas. Também existem diferenças na sociedade receptora destas gramáticas e influências distintas do que Auroux denomina de hiperlíngua em cada sociedade.

As gramáticas tanto atuais como as mais antigas mantêm de certa forma o mesmo objetivo: pretendem, não somente dar uma descrição da língua, mas também são junto com normativas políticas como a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Real Academia Espanhola formas de conservar a língua, fazendo parte e determinando o patrimônio de uma cultura dada. Desta forma, se fixa uma identidade linguística própria a uma nação

diminuindo a entropia do uso da língua para manter certas regularidades linguísticas. Embora as gramáticas utilizadas na atualidade pretendam realizar uma descrição científica livre de qualquer normativa imposta na língua culta, elas continuam marcando determinados modos de uso que terminam se fixando como próprios e “corretos” de uma determinada língua nacional. A gramática descreve ou explica certo uso, mas é inevitável que esta descrição não intervenha nos usos de uma comunidade linguística dada.

Referências bibliográficas

- Auroux, Sylvain (1992) *A Revolução da Gramatização*. Campinas: Ed. Da Unicamp.
- Auroux, Sylvain (1997) “La réalité de l'hyperlangue” In: *Langages*, 31e année, n° 127. .
Langue, praxis et production de sens. pp. 110-121.
- Bronckart, Jean-Paul, (2003) *Atividade de linguagem, textos e discursos, Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ.
- Coseriu, Eugenio (1980) “XII Panorama da Lingüística ibero-amerdciana”, In *Tradição e novidade na Ciência da Linguagem*. Rio de Janeiro: Peresença.
- Guimarães, Eduardo (1996) “Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: A Gramatização Brasileira” In: GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni Puccinelli (orgs). *Língua e Cidadania. O Português no Brasil*. Campinas. Pontes,127-138.
- Lauria, Daniela, (2008) “Lengua y nación. El Diccionario Argentino de Tobías Garzón (1910)”, In: JORNADAS DE JÓVENES INVESTIGADORES, IV, Facultad de Ciencias Sociales, Instituto de Investigaciones Gino Germani, UBA, disponível em:http://www.iigg.fsoc.uba.ar/jovenes_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%205%20Politica%20Ideologia%20Discurso/Ponencias/LAURIA%20Daniela.pdf
- _____, (2007) “La producción lexicográfica del español, del inglés y del portugués en América. Los primeros diccionarios monolingües generales: una aproximación glotopolítica” In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA de LINGÜÍSTICA, XI, Facultad de Humanidades y Ciencias, UNL, Santa Fé, disponível em:http://www.lenguas.unc.edu.ar/aledar/hosted/xicongreso/ejes_tematicos/politica_linguistica/lauria.pdf
- Orlandi, E. P (org), GUIMARAES, E. Et al. (2001) *História das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes.

Salido, Maria do Carmo (1997-1998) “La gramática castellana de Amado Alonso y Pedro Henríquez Ureña”, *Cauce Revista de Filología y su Didáctica*, n°20-21, 93-116, disponible en: http://cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce20-21/cauce20-21_08.pdf, Acceso em: 12/10/10.

RAE, site oficial da Real Academia Espanhola (s/d) Breve historia, <http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000038.nsf/voTodosporId/EAB58620A1F99AEDC12572D4002AC6D3?OpenDocument>. Acceso em: 04/10/10.